

Débito da Operação 63 pode causar impasse

RÉGIS NESTROVSKI
Especial para O GLOBO

NOVA YORK — Brasil e México estão chegando a um impasse na renegociação de suas dívidas externas. O problema do Brasil com os bancos credores, depois de duas reuniões, continua sendo o pagamento de todos os empréstimos tomados pelo Comind, Auxiliar e Maisonnave, através da Operação 63 (repasso de créditos externos a empresas brasileiras), enquanto o do México, bem mais difícil, é conseguir dinheiro novo para pagar juros este ano.

— A negociação brasileira está muito dura. Se o Brasil pagasse o que falta da Operação 63 — cerca de US\$ 220 milhões — tudo ficaria mais fácil. Mas se não pa-

gar, o pessoal do Seixas pode puxar o trem de aterrissagem na próxima semana — disse um banqueiro que participa das negociações.

As previsões dos credores para a economia brasileira este ano não são boas. Eles esperam inflação acima de 13 por cento em fevereiro e saldo comercial anual de US\$ 10 bilhões no máximo. Há especulações de que o Brasil poderá pagar toda a dívida da Operação 63 no carnaval, pois na última vez em que Pádua Seixas retornou a Brasília o Governo decidiu saldar 50 por cento e não apenas 25 por cento da dívida dos três bancos liquidados.

— O Brasil tem poucos problemas se compararmos sua situação à do México. Eles estão pedindo dinheiro novo para pagar os juros deste ano. O pedido é de US\$ 8,8 bilhões para 1986, calculando o preço do barril de petróleo estável a US\$ 16 du-

rante todo o ano. Eles vão ter que pagar US\$ 10 bilhões de juros e queremos que usem as reservas de US\$ 5 bilhões a US\$ 6 bilhões para isso — continua o banqueiro.

Hoje, o Comitê de Assessoramento da Dívida Externa mexicana voltará a se reunir, em Nova York, enquanto prosseguem também as negociações brasileiras. O Diretor do Banco Central para Dívida Externa, Antônio de Pádua Seixas, está sendo auxiliado nas conversações pela firma de William D. Rogers, Ex-Subsecretário de Estado americano para Assuntos Latino-Americanos.

O "Financial Times" considera a atual rodada de conversações dos dois países "uma nova fase da dívida externa". Se os problemas que vêm surgindo não forem contornados, adverte o jornal, poderão gerar "uma crise pior do que a grande depressão de 1929".